



## ALEMANHA

# Multidão atropelada em mercado de Natal

A Alemanha entrou em alerta, na noite de ontem, depois de um atropelamento em massa, em um mercado de Natal na cidade de Magdeburgo, no norte do país. Pelo menos duas pessoas morreram e entre 60 e 80 ficaram feridas na tragédia, que vem sendo tratada pelo governo como um possível atentado. O motorista, um médico de origem saudita, de 50 anos, foi preso próximo à feira, segundo meios de comunicação alemães.

Segundo informações divulgadas pelo jornal *Bild*, o atropelador mora e trabalha em uma clínica na cidade de Bernburgo, distante 50km. Ele reside no país desde 2006, de acordo com Reiner Haseloff, chefe de governo do estado federado de Saxônia-Anhalt, do qual Magdeburgo é a capital. Testemunhas relataram que ele lançou um BMW SUV no mercado, avançando 400m contra a multidão. Policiais o capturaram em flagrante. Mandaram que saísse do veículo e se deitasse no chão.

O chefe de governo alemão, Olaf Scholz, destacou que o episódio "suscita os piores temores", referindo-se à possibilidade de um atentado. "Meus

Pelo menos duas pessoas morreram e mais de 60 ficaram feridas na cidade de Magdeburgo, num episódio tratado como possível atentado pelo governo

pensamentos estão com as vítimas e suas famílias. Estamos a seu lado e juntos com o povo de Magdeburgo. Agradeço aos socorristas nessas horas de angústia", acrescentou o chanceler, que vai hoje à cidade de 250 mil habitantes.

Após o atropelamento em massa, vários mercados natalinos do país interromperam imediatamente as atividades.

"Foi um acontecimento horrível, nas vésperas do Natal", declarou Reiner Haseloff à emissora de televisão pública MDR. Segundo o serviço de emergência, há vários feridos em "estado grave" e com risco de vida. "Acreditamos que foi um atentado", declarou uma porta-voz do Ministério do Interior do estado federado à agência de notícias France Presse (AFP).

Em mensagem na rede X, o presidente francês Emmanuel Macron escreveu que "a França compartilha a dor do povo alemão e expressa toda a sua solidariedade". Por sua vez, a

AFP



Policiais e socorristas no local da tragédia, na capital da Saxônia-Anhalt: governo em alerta

primeira-ministra italiana Giorgia Meloni disse que estava "profundamente chocada" por este ataque "brutal".

### Vigilância redobrada

Recentemente, a ministra alemã do Interior, Nancy Faeser,

pediu um aumento da vigilância durante os mercados natalinos, mas sem mencionar ameaças concretas. O serviço de inteligência

advertiu que os mercados de Natal eram um "objetivo ideologicamente apropriado para as pessoas motivadas pelo islamismo" radical.

Em dezembro de 2016, a Alemanha foi palco de um violento atentado contra uma feira natalina no centro de Berlim. O ataque, que resultou na morte de 12 pessoas, foi reivindicado pelo grupo jihadista Estado Islâmico (EI).

Nos últimos meses, vários atentados e projetos de ofensivas islamistas, que envolveram cidadãos estrangeiros, chocaram o país. No fim de agosto, uma investida com faca, cometida por um cidadão sírio e assumido pelo grupo EI, deixou três mortos e vários feridos em uma festividade em Solingen, no oeste do país.

Dois meses antes, outro ataque com faca, atribuído a um afegão e praticado durante uma concentração anti-islã em Mannheim, provocou a morte de um policial, que tinha se colocado entre o agressor e as pessoas que lá estavam reunidas.

Em setembro, um homem de 27 anos, de nacionalidade síria e suspeito de ter laços com o islamismo radical, foi detido por preparar um ataque com um facão contra soldados alemães em uma cidade da Baviera, no sul.

## SÍRIA

# Diplomacia dos EUA acena ao novo governo



Em cima de monumento, sírios exibem bandeira da independência

Passados 12 dias da deposição de Bashar al-Assad do poder, diplomatas dos Estados Unidos se reuniram, ontem, com as novas autoridades da Síria, dominadas por islamistas radicais, com o objetivo de estimular a reunificação do país após mais de 13 anos de guerra civil. França, Alemanha, Reino Unido e ONU já haviam enviado representantes a Damasco.

O passado jihadista do grupo radical sunita Hayat Tahrir al-Sham (HTS), líder da coalizão que tomou o poder na Síria e considerado uma organização "terrorista" pelos EUA, gera preocupação na comunidade internacional, que teme pelo respeito

aos direitos humanos, a situação das minorias em um país profundamente dividido e pelo futuro das regiões curdas semiautônomas do norte.

Barbara Leaf, diretora do Departamento de Estado para o Oriente Médio, e Daniel Rubinstein, diplomata especializado no mundo árabe, comandaram a delegação que esteve com o novo líder sírio, o islamista Ahmed al Sharaa. "Após nossas conversas, informei-lhe que retiraremos a oferta de recompensa que mantivemos durante os últimos anos (por informações sobre o seu paradeiro)", disse Leaf, ao fim do encontro.

A diplomata exaltou as

"mensagens positivas" às "mensagens positivas" de Al-Sharaa, que prometeu lutar contra o terrorismo. "Buscaremos avanços nesses princípios e ações, não apenas palavras", disse, acrescentando: "Apoiamos plenamente um processo político com liderança síria e próprio dos sírios, que resulte em um governo inclusivo e representativo em relação aos direitos de todos os sírios, incluindo mulheres e as diversas comunidades étnicas e religiosas."

A ofensiva rebelde que derrubou Al-Assad em 8 de dezembro acabou com mais de meio século de domínio da família Assad e de repressão. Agora, Abu

Mohamad al Jolani, líder do HTS, comanda a coalizão que tomou o poder na Síria.

Antigo braço da Al Qaeda, o HTS afirma que deixou o jihadismo para trás e tenta tranquilizar a comunidade internacional, no momento em que o país precisa urgentemente de ajuda humanitária em larga escala, segundo a ONU.

Gradativamente, as potências ocidentais buscam estabelecer relações com as autoridades de transição, conscientes do risco de fragmentação do país e do ressurgimento do grupo jihadista Estado Islâmico (EI), que ainda tem células adormecidas em zonas desérticas.

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# Em compasso de espera por Trump

A queda fulminante de Bashar al-Assad, que marcou o fim de meio século do regime dominado pelo clã, completa o cenário que aguarda o retorno de Donald Trump à Casa Branca. Lá, como no restante do Oriente Médio, na Ucrânia e em outros focos de conflitos e disputas, as partes envolvidas fazem e refazem cálculos políticos — e militares — com a atenção voltada para qualquer sinal capaz de indicar os primeiros passos da superpotência sob nova direção.

Quatro semanas de intervalo, com o período das festas pelo meio, podem parecer tempo escasso para mudanças significativas no terreno. Por outro lado, trata-se de uma espécie de janela de oportunidade para produzir fatos consumados, em um lapso durante o qual o governo Joe Biden arruma as malas para deixar o palco, enquanto o bilionário republicano completa sua equipe sem margem significativa para incidir nos acontecimentos de maneira direta e efetiva.

As perspectivas são distintas nas diferentes áreas de interesse, e cada um procura se colocar na posição mais favorável para interagir com Trump a partir de 20 de janeiro.

### Pior sem ele

Do ponto de vista da diplomacia brasileira, se coloca desde logo a exigência de definir uma linha de ação capaz de responder ao protecionismo comercial. Como no mandato presidencial de 2017-2021, Trump reafirmou na campanha vitoriosa deste ano o lema "América em primeiro lugar". A China será alvo prioritário, ao lado dos vizinhos México e Canadá — estes, como represália por supostamente permitirem a entrada em massa de imigrantes ilegais nos EUA. Mas a ameaça paira também sobre produtos do Brasil.

Não por acaso, o desfecho da corrida pela Casa Branca, na noite de 5 de

novembro, foi o empurrão que faltava para que União Europeia e Mercosul firmassem, um mês depois, o acordo comercial que negocia há 25 anos. De ambos os lados do Atlântico, restam questões e arestas a aparar. Mas, igualmente, toma corpo a compreensão de que, se os termos do tratado desagradam a setores econômicos determinados, sem ele a vida será mais difícil para todos, em meio ao esperado reforço do protecionismo.

### Fechados para balanço

Pelo lado europeu, foi decisivo para o desenlace das negociações o empenho da política alemã Ursula von der Leyen, que preside a Comissão Europeia, braço executivo da UE, e deslocou para assinar o texto em Montevidéu, durante a cúpula do Mercosul. Mas a sequência da tramitação do acordo esbarra nos impasses políticos que paralisam Alemanha e França, a dupla que comanda o bloco — e cujos

governos se acham em posições opostas, o primeiro a favor e o segundo contrário à associação com o bloco sul-americano.

Em Berlim, o chanceler Olaf Scholz, social-democrata, viu ruir o governo de coalizão com liberais e verdes. O país terá em fevereiro eleições antecipadas, e os três partidos que compunham o gabinete enfrentam as urnas com a projeção de ficarem atrás da democracia cristã e da extrema-direita. O cenário esboçado nas pesquisas aponta que poderá ser complexa a construção de uma nova maioria.

Em Paris, o presidente Emmanuel Macron acaba de nomear um novo primeiro-ministro, após o efêmero gabinete de Michel Barnier ter sido derrubado por uma moção de desconfiança. François Bayrou lidera um partido centrista que integra a maioria presidencial como sócio minoritário. Deve encontrar as mesmas dificuldades do antecessor, apriacionado na composição da Assembleia Nacional após a eleição legislativa antecipada de julho. Convocados às urnas pelo próprio Macron, após o fiasco de seu partido na disputa pelo Parlamento Europeu, os franceses devolveram ao

presidente um parlamento dividido em três blocos: em primeiro lugar, uma frente de esquerda; em segundo, o centro macronista; em terceiro, a extrema-direita.

A crise econômica que atinge a Europa, como resultado da pandemia e da guerra na Ucrânia, pesa em ambas as potências. Na Alemanha, a indústria aposta no Mercosul para reverter o declínio decorrente, entre outros fatores, do rompimento comercial com a Rússia. Na França, Macron se vê praticamente encurralado pelos protestos em massa dos agricultores contra a abertura do mercado interno aos produtos sul-americanos. Assombrado pelo risco de ver outro prêmio derrubado pela Assembleia, o presidente luta pela própria sobrevivência política, com metade do mandato pela frente.

### Boas festas!

Aproveito para desejar aos leitores e interlocutores um Natal de paz e um 2025 de novos desafios e esperanças. A Conexão faz uma pausa para férias e retorna no sábado, 18 de janeiro — a tempo para a posse de Donald Trump.